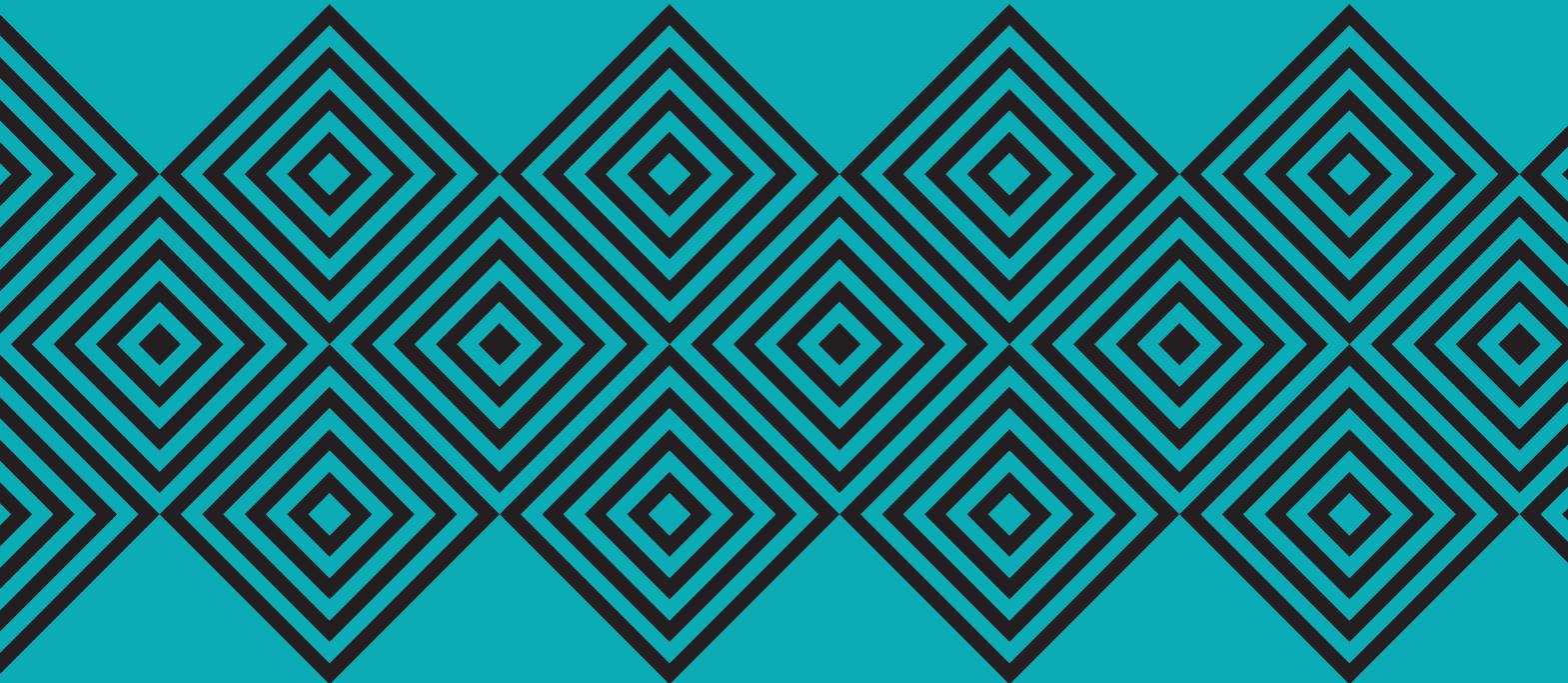


ROTEIROS VISUAIS
NO BRASIL

ARTES INDÍGENAS

ALBERTO MARTINS E GLÓRIA KOK



claroenigma

Copyright © 2014 by Alberto Martins e Glória Kok

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em
vigor no Brasil em 2009.*

capa e projeto gráfico
WARRAKLOUREIRO

foto de capa
IORE LINKE

preparação
ALEXANDRE BOIDE

composição
NATÁLIA YONAMINE

revisão
RENATA LOPES DEL NERO
VIVIANE T. MENDES
MARINA NOGUEIRA

tratamento de imagem
AMÉRICO FREIRIA

revisão dos mapas
MOISÉS J. NEGROMONTE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kok, Glória
Roteiros visuais no Brasil : Artes indígenas /
Alberto Martins e Glória Kok. — 1^a ed. — São Paulo :
Claro Enigma, 2014.

ISBN 978-85-8166-109-4

1. Arte — História — Antiguidade 2. Arte
pré-histórica — Brasil — História 3. Arte rupestre
4. Símbolos 5. Sítios arqueológicos
I. Martins, Alberto II. Título.

14-04074

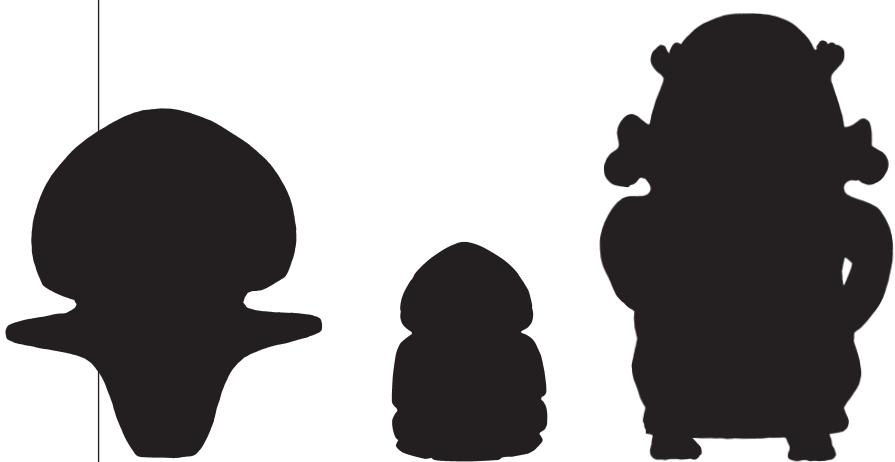
CDD-709.01130981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Patrimônio histórico-arqueológico : História
709.01130981

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS CLARO ENIGMA
Rua Bandeira Paulista, 702, CJ. 71
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3531
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br



A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

Esta obra foi composta em Kievit Offc e impressa pela RR Donnelley em ofsete sobre papel Couché Matte da Suzano Papel e Celulose para a Editora Schwarcz em outubro de 2014

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO 6

INTRODUÇÃO 9

PARTE 1 — ANTES DA CHEGADA DOS EUROPEUS

A PRESENÇA HUMANA NAS AMÉRICAS 15

O DESENHO E A PINTURA RUPESTRES 21

A INCISÃO RUPESTRE 33

A CULTURA DOS SAMBAQUIS 36

AS CULTURAS AMAZÔNICAS 41

A TRADIÇÃO TUPI-GUARANI 54

PARTE 2 — NA PRESENÇA DOS EUROPEUS

A PINTURA CORPORAL 63

A ARTE PLUMÁRIA 68

O TRANÇADO E A TECELAGEM 71

A CERÂMICA 73

O TRABALHO EM MADEIRA 75

AS MÁSCARAS 76

A ALDEIA E A MALOCA 78

CONCLUSÃO 80

OS MUSEUS INDÍGENAS 82

GRANDES COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS 83

SOBRE OS AUTORES 84

CRÉDITO DAS IMAGENS 85

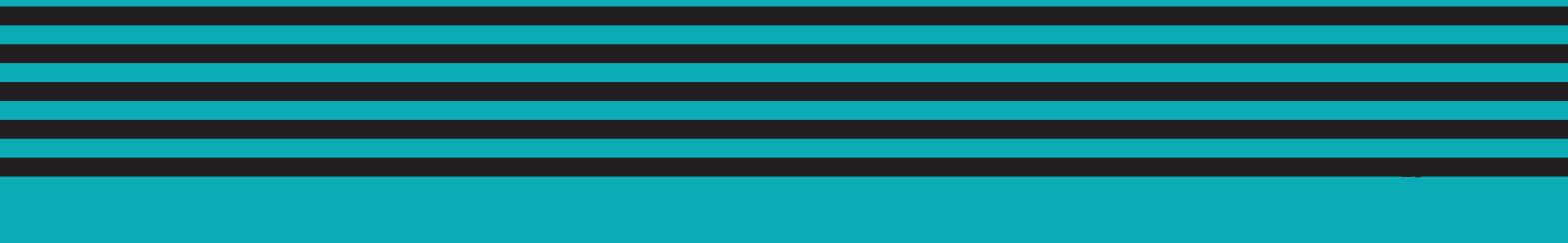
BIBLIOGRAFIA 86



PARTE 1

ANTES DA CHEGADA DOS EUROPEUS

(c. 20 000 AP-C. 1500)



Sobreposição de pinturas rupestres na Toca do Baixão, Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí.

O TRABALHO DO ARQUEÓLOGO

A partir de qualquer tipo de vestígio ou marca deixados numa paisagem, a arqueologia se dedica a reconstituir o modo de vida de um determinado grupo humano, que pode ter vivido tanto há algumas décadas como há milhares de anos.

Uma vez identificado um sítio arqueológico, urbano ou rural, o arqueólogo realiza escavações cuidadosas em uma área previamente delimitada. Ali, escavando o terreno milímetro por milímetro, ele coleta os indícios de vida material, que serão posteriormente analisados em laboratório e, então, interpretados.

Uma das técnicas que mais contribuiu para as pesquisas arqueológicas foi a datação por carbono 14. Como todos os seres vivos absorvem átomos de carbono 14, mas perdem gradualmente esses átomos após a morte, é possível estabelecer, pelo número de átomos de carbono encontrados em um organismo, quando ele viveu. Assim, para datar eventos do passado, a arqueologia emprega a sigla AP — “antes do presente” —, tomando como referência o ano de 1950, quando se desenvolveu a técnica do carbono 14.

A PRESENÇA HUMANA NAS AMÉRICAS

Quem foram os primeiros habitantes do continente americano?

Como e quando chegaram até aqui?

Esse é um tema bastante controverso entre os arqueólogos. Se, por um lado, quase todos estão de acordo com relação à diversidade biológica dos primeiros povoadores, por outro, discordam quanto às rotas e datas de ocupação, que variam — segundo as interpretações — de 11 000 a 50 000 anos atrás.

Nesse quebra-cabeça formado por ossos, pontas de pedra, restos de fogueira e outros vestígios, a ocupação do que veio a se tornar o território brasileiro desempenha, como veremos a seguir, um papel dos mais importantes.

Para a arqueologia contemporânea, o *Homo sapiens* surgiu na África há aproximadamente 200 000 anos e de lá se espalhou pelo resto do planeta, em sucessivas levas migratórias.

Uma tese aceita por grande parte dos pesquisadores afirma que os primeiros homens entraram na América através do Estreito de Bering há cerca de 11 000 anos AP, isto é, 11 000 anos “antes do presente”. Nessa época, o nível dos mares encontrava-se cerca de 130 metros mais baixo do que hoje, e grupos de caçadores e coletores originários da África atravessaram as terras que então uniam a Ásia à América, no extremo norte do continente.

Esses homens viviam basicamente de caça e coleta, e vieram no encalço de animais de grande porte como o mamute e o bisonte, que lhes serviam de alimento.

Outros pesquisadores trabalham com a hipótese de uma *dupla migração*: além daquela de 11 000 anos atrás, teria havido uma anterior, também pelo Estreito de Bering, entre 14 000 e 20 000 AP. Essa migração mais antiga seria composta de grupos étnicos originários da África e do sudeste asiático.

A segunda onda migratória, a de 11 000 AP, teria sido composta predominantemente de grupos que se encontravam na Ásia havia mais tempo e possuíam características que associamos aos povos mongóis. Deles descendem os índios brasileiros, cujos traços guardam semelhança com os de certas populações asiáticas.

A hipótese da *dupla migração* explicaria assim — por ondas migratórias distintas — a existência de grupos étnicos diferentes e a considerável diversidade de pontas de pedra encontradas no território sul-americano, com datas estimadas em torno de 11 000 AP.

Uma tese mais ousada, e bastante polêmica, é de autoria da arqueóloga Niède Guidon, que desde a década de 1970 conduz escavações no sítio do Boqueirão da Pedra Furada, atual Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí.

Em 1992, ela anunciou que encontrara vestígios de ocupação humana que datavam de 48 000 anos atrás. Caso esses dados sejam reconfirmados e aceitos pela comunidade científica, tal descoberta seria um dos passos mais extraordinários da arqueologia contemporânea e faria recuar os primeiros sinais da ocupação humana no território americano em dezenas de milhares de anos.

Para Niède Guidon, não se pode imaginar que a América tenha sido povoada única e exclusivamente por um caminho. Ela acredita que o homem chegou ao território americano por diferentes rotas e em datas bem anteriores àquelas aceitas hoje em dia. E defende a hipótese de que grupos humanos já se encontravam na Austrália há pelo menos 50 000 anos,

LUZIA, A HABITANTE MAIS ANTIGA DO BRASIL

Em 1975, uma equipe de pesquisadores franceses e brasileiros, liderada pela arqueóloga Annette Laming-Emperaire, descobriu na gruta da Lapa Vermelha, em Lagoa Santa, em Minas Gerais, restos do esqueleto daquele que é considerado o habitante mais antigo do Brasil.

Trata-se do crânio de uma mulher que viveu há 11 500 anos e morreu com cerca de vinte anos de idade. Ela foi batizada pelos pesquisadores de "Luzia", numa associação com "Lucy", o esqueleto de uma ancestral de nossa espécie que viveu há 3,2 milhões de anos na África. Luzia andava em grupos de poucas dezenas de indivíduos, alimentava-se de vegetais e eventualmente de algum animal. Segundo o pesquisador Walter Neves, seu esqueleto (cujos traços foram reconstituídos virtualmente em laboratório) possui características que remetem aos nativos da África e da Austrália.

Isso reforça a teoria de que o povoamento das Américas foi feito por correntes migratórias distintas, sendo Luzia a ilustre representante da corrente migratória mais antiga.

com pleno domínio da técnica de navegação, e que teriam alcançado a América por via marítima, navegando de ilha em ilha.

Uma parte significativa da comunidade científica não concorda com as ideias de Niède Guidon, e a discussão permanece em aberto. Com o desenvolvimento da arqueologia e dos métodos de mapeamento genético das populações, é bem provável que os próximos anos tragam informações decisivas sobre esses e outros pontos ainda obscuros. É claro que, junto com as respostas, surgirão novas e importantes perguntas, pois é assim mesmo que se desenvolve o conhecimento: através de um processo constante de interrogação.

LUND E O HOMEM DE LAGOA SANTA

Antes da descoberta de Luzia, as grutas de Lagoa Santa, em Minas Gerais, já haviam sido investigadas pelo naturalista Peter W. Lund (1801-1880), nascido na Dinamarca e considerado o pioneiro da paleontologia no Brasil. Entre 1834 e 1835, ele pesquisou mais de oitocentas grutas na região e recolheu milhares de fósseis.

Lund foi o primeiro a descobrir e descrever cientificamente dezenas de espécies animais que viveram há milhares de anos nas terras baixas da América do Sul — como o tatu gigante, o tigre-dentes-de-sabre, a preguiça-gigante, vários tipos de cães, lobos, cervos, chacais, porcos-do-mato e muitos outros animais.

Quando descobriu ossos humanos nas mesmas camadas

em que havia restos de animais extintos, Lund concebeu a hipótese, bastante revolucionária para a época, de que o homem de Lagoa Santa era tão antigo quanto a megafauna que ele estudava.

Em *A origem das espécies* (1859), Charles Darwin menciona a “admirável coleção de ossadas recolhidas no Brasil por Lund”, que hoje está exposta no Museu Zoológico da Universidade de Copenhague, na Dinamarca. Lund, entretanto, permaneceu até o fim da vida em Lagoa Santa, onde está enterrado.

No conto “O recado do morro”, Guimarães Rosa (1908-1967), que nasceu em Minas Gerais, nas proximidades da Gruta de Maquiné, apresenta o personagem

de um naturalista europeu que remete a Lund, assim como a outros cientistas do Velho Mundo que se embrenhavam nos sertões brasileiros para comunicar suas descobertas às Academias de Ciência europeias.

Nesta passagem, ele transporta o leitor para a atmosfera que cercava essas descobertas surrepreendentes: “E nas grutas se achavam ossadas, passadas de velhice, de bichos sem estatura de regra, assombrações deles — o megatério, o tigre-dente-de-sabre, a protopantera, a monstra hiena espélea, o paleo-cão, o lobo espéleo, o urso-das-cavernas — e homenzarros duns que não há mais. Era só cavar o duro chão, de lage branca e terra vermelha e sal.”

AS ROTAS DE OCUPAÇÃO DA AMÉRICA





